

16 de Setembro de 2020

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem



EM WEBINÁRIO, BENTO ALBUQUERQUE APRESENTA OPORTUNIDADES DE INVESTIMENTOS EM DIVERSOS SEGMENTOS NO BRASIL

“O Brasil irá se reconstruir de forma muito melhor”

O ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, participou nesta quinta-feira (10/9), do festival online Brazilian Week CCBC. O evento aconteceu em parceria com a Câmara de Comércio Brasil-Canadá, com a Embaixada do Brasil no Canadá e os consulados brasileiros em Montreal, Toronto e Vancouver.

No painel sobre Investimentos, o ministro apresentou diversas oportunidades de investimentos no Brasil, com destaque para petróleo, gás, biocombustíveis, energia elétrica e mineração. Além disso, empresas canadenses que atuam no Brasil compartilharam suas experiências.

Em sua apresentação no webinar “Oportunidades de Investimento no Brasil: Energia e Mineração”, Bento Albuquerque destacou as ações do governo para o setor frente à pandemia, à recuperação econômica, às reformas em andamento, planejamentos, e, o principal, oportunidades para este e para os próximos anos.

Em sua fala, o ministro declarou estar confiante de que “o Brasil irá se reconstruir de forma muito melhor”, e apresentou os planos de 10 e 30 anos para o setor no País. Também apresentou números e porcentagens demonstrando significativo crescimento nas áreas de energia e de mineração.

Um dos destaques da apresentação foi o novo marco regulatório do setor de gás natural, que irá gerar mais investimentos, empregos, e aumentar a competitividade da indústria brasileira. De acordo com o ministro, serão investidos recursos da ordem de mais de R\$ 8 bilhões, até 2030.

Por fim, Bento Albuquerque deixou claro que todo investimento realizado por terceiros será baseado em planejamentos estratégicos cuidadosos e que, após seis meses de distanciamento, os indicadores econômicos demonstram que o país e o setor de energia e mineração estão no caminho certo.

Fonte: ANM

Data: 11/09/2020



INDÚSTRIA GUSEIRA DE MINAS TEM DESABASTECIMENTO DE MINÉRIO

Não é de hoje que a indústria guseira de Minas Gerais vem sofrendo não apenas com a alta dos preços do minério de ferro e do carvão, mas também com a qualidade dos suprimentos que abastecem o setor. Neste ano, os impactos nacionais e internacionais causados pelo novo coronavírus agravaram ainda mais a situação e as siderúrgicas já temem pelo desabastecimento, diante do ensaio de retomada da demanda.

A informação é do presidente do Sindicato da Indústria do Ferro no Estado de Minas Gerais (Sindifer-MG), Fausto Varela Caçado. Segundo ele, o setor já acumula aumento de 45% nos custos com o minério de ferro, desde o período pré-pandemia, em fevereiro, até agora. Isso considerando a variação dos preços e a depreciação cambial.

Para se ter uma ideia, o dólar fechou o mês de fevereiro no patamar de R\$ 4,49 e encerrou a quinta-feira (10) em R\$ 5,32. Já a cotação média do insumo siderúrgico no mercado internacional iniciou o ano na casa dos US\$ 90 a tonelada e com a pandemia voltou a ultrapassar os US\$ 100 a tonelada, chegando ontem a US\$ 126. Especificamente o granulado, saiu de US\$ 70 para US\$ 90 a tonelada, no mesmo período.

Além da alta dos preços, o dirigente também citou a depreciação da qualidade do minério recebido pelas indústrias. Conforme ele, isso já é observado há algum tempo e reflete uma inquietação sobre a priorização de envio

do material de melhor qualidade para o exterior, inclusive, a partir da valorização da moeda norte-americana, como vem ocorrendo com outras commodities nacionais.

"Quando questionamos as mineradoras, elas alegam apenas que está relacionado à profundidade da jazida ou até mesmo ao tipo do minério. O teor de ferro vem caindo muito. Antigamente, trabalhávamos com teor de ferro acima de 62% e hoje não passa de 55%", reclamou.

Cançado disse ainda que o volume de resíduos a partir do processo produtivo também aumentou muito. "Antes, para cada tonelada de ferro-gusa, tínhamos 150 quilos de escória. Agora, estamos gerando acima de 400 quilos. Isso é perda de produtividade", complementou.

Procurados, nem o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), nem o Sindicato da Indústria Mineral do Estado de Minas Gerais (Sindixtra) quiseram comentar o assunto.

Carvão

Sobre o carvão vegetal, o presidente do Sindifer-MG afirmou que já houve aumento de cerca de 36% e que, mesmo no período de seca, quando o preço costuma cair, desta vez, houve elevação. Neste caso, ele acredita que a pressão pode estar ocorrendo por causa da "oferta que está limitada".

Em suma, o dirigente alertou que a grande preocupação diz respeito ao abastecimento das siderúrgicas, uma vez que o ritmo de recuperação vem aumentando e, tanto os custos quanto a qualidade, seguem prejudicando os níveis de produtividade do setor.

Exportações

Quanto ao desempenho, as exportações continuam garantindo os negócios da indústria do ferro mineira. Nos últimos meses, o desaquecimento do mercado interno provocado pelas medidas de distanciamento social em combate ao novo coronavírus deu lugar às vendas internacionais a países como China, Estados Unidos, Espanha, Itália e Japão.

Até agora, o desempenho de 2020 reflete as encomendas internacionais que, historicamente, representavam 50% das vendas. Neste ano, a média está em 70% do total.

Diante do cenário, a aposta do setor é encerrar o exercício com a produção nos mesmos patamares de 2019, ou seja, na casa das 3,5 milhões de toneladas. Antes da Covid-19, porém, a estimativa da indústria era de alta de 10% neste exercício sobre o ano anterior.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 12/09/2020



INVESTIMENTO DE ATÉ US\$ 450 MI NO CEARÁ ELEVA OFERTA DE FERTILIZANTES E URÂNIO

O consórcio Santa Quitéria, que une a estatal Indústrias Nucleares do Brasil (INB) e a Galvani Indústria, Comércio e Serviços, terá um investimento de US\$ 400 milhões a US\$ 450 milhões em um projeto para a extração de fosfato e urânio na cidade de Santa Quitéria (CE). Serão US\$ 320 milhões a US\$ 350 milhões na planta e mais um valor de US\$ 80 milhões a 100 milhões em outras operações, inclusive portuária. O projeto está na fase de licenciamento ambiental.

A mina começa a operar no final de 2023, mas ainda com baixa produção. Aumenta o ritmo em 2024 e estará a plena carga em 2026. A vida útil da jazida é estimada em 30 anos.

O novo projeto auxiliará o abastecimento do país em duas frentes: reduzirá a importação de fertilizantes e elevará a produção nacional de urânio, tornando o país exportador do excesso neste último caso.

A Galvani, quando o projeto estiver terminado, colocará 500 mil toneladas de fertilizantes fosfatados por ano no mercado. O Brasil importa 72% do que consome. A empresa elevará também a oferta nacional de fosfato bicálcico em 250 mil toneladas. O consumo anual do produto para suplementação animal é de 1,2 milhão de toneladas.

No caso do urânio, o salto na oferta será gigantesco, segundo o presidente da INB, Carlos Freire Moreira, empresa que tem o monopólio da produção de urânio no país. Serão 1.600 toneladas por ano de concentrado de urânio (yellowcake), extraído do ácido fosfórico. A produção de Santa Quitéria terá capacidade para cobrir as necessidades das usinas Angra 1, 2 e 3, e fornecerá combustível para o abastecimento de, pelo menos, outras três usinas do porte das atuais.

O Brasil será reconhecido como um potencial fornecedor de urânio enriquecido, um produto com muito mais valor adicionado, diz Freire. "Uma coisa é ter urânio. Outra é saber processar, e o Brasil está no grupo dos poucos países que já dominam essa tecnologia", afirma.

Segundo Freire, "fala-se muito dos malefícios da energia nuclear, mas pouco dos benefícios". "É uma energia limpa e pode ser levada para perto dos grandes centros de demanda. Além disso, ganha espaço na medicina e na agricultura".

Sobre o acidente ocorrido em Goiânia (GO), em 1987, ele o classifica como um ponto fora da curva. Naquele ano, o caso conhecido como o do césio-137 provocou a morte de quatro pessoas e a contaminação de várias dezenas por radioatividade.

O contrato, ainda com possíveis acertos, dá à Galvani o direito de extração dos minerais. Ela fica com o fosfato e repassa o urânio para a INB. A empresa do setor de fertilizantes assume a operação de extração. "É um projeto com viabilidades interessantes. Vamos produzir fertilizantes fosfatados de alto teor para uma região que cresce muito", afirma o diretor-presidente da Galvani, Ricardo Neves de Oliveira.

Um dos sérios problemas da região é a falta de água, mas o processo a ser utilizado na extração do fosfato e do urânio vai reduzir em 30% o consumo, segundo Oliveira. Entre 80% e 85% da energia elétrica será gerada na própria unidade.

A Galvani vai utilizar o fosfato para dois segmentos: o de fertilizantes fosfatados e o de fosfato bicálcico. Este último, destinado à nutrição animal, um setor novo para a empresa.

O executivo aposta no sucesso da operação devido à forte demanda por fertilizantes e por suplementação alimentar nas áreas do chamado Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia).

O empreendimento movimentará 2.500 trabalhadores, 500 deles com contratação própria. Freire diz que o objetivo é requisitar o máximo possível de trabalhadores da região. Para o prefeito de Santa Quitéria, Tomas Antônio Albuquerque de Paula Pessoa (PMDB), as contratações e a formação de profissionais não serão problemas. Santa Quitéria tem várias escolas premiadas pela liderança na qualidade do ensino no estado.

O projeto da INB e da Galvani dará vida a toda a região, segundo Pessoa. O município faz divisa com 14 outros e tem 45 mil habitantes. Está a 230 km do porto de Pecém.

Na avaliação do prefeito, a logística favorável e a proximidade da mina de algumas das principais regiões produtoras de grãos e pecuária vão baratear os custos para os produtores. Agricultores de São Raimundo Nonato (PI) e Balsas (MA) serão dois dos polos que serão bastante beneficiados, diz ele.

Pessoa já prevê o caixa da cidade um pouco mais gordo, podendo ser acrescentados R\$ 20 milhões aos atuais R\$ 90 milhões do orçamento.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 11/09/2020



ALUMINUM PRODUCERS' RACE TO GO GREEN MAY FRACTURE MARKET

Tesla is ordering giant aluminium casting presses for its assembly line in Germany.

The "Gigapress" is the size of a small house and will replace with a single module around 70 parts that are currently glued and riveted into the car's chassis.

Aluminium is one of the materials of choice for the electric vehicle pioneer because of its light weight and strength, which mean extra mileage and enhanced safety.

Indeed, aluminium is going to be one of the metals critical to the unfolding green revolution, not just for its role in transport but also for its use in renewable energy sources, particularly solar panels.

The problem is that making aluminium can be a carbon-intensive business. The sector accounts for almost 3% of global emissions.

The race to produce low carbon aluminium is now on as producers look to differentiate their product in a shifting consumer landscape.

But this widening rift between "green" and "black" aluminium risks fracturing the market's current pricing model because a "green premium" is not only coming much faster than many industry players think, it may already be here.

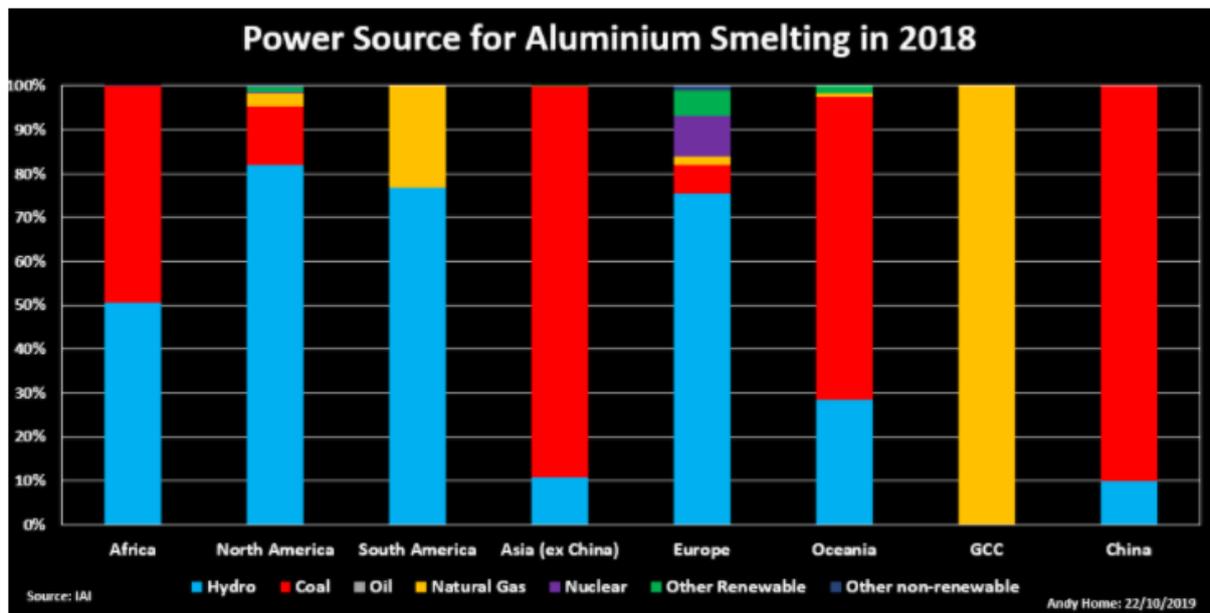
The rocky road to zero

Aluminium smelting is an energy-intensive business, each producer's carbon footprint is primarily determined by which power source it is using. Hydro scores low. Coal scores high. Gas is somewhere in the middle.

The average comes in at around 10 tonnes of carbon per tonne of aluminium produced but the global range can be anything from 4 to 18 tonnes, according to Antti Koulumies, Vice President for the aluminium line of equipment supplier Metso Outotec .

The sector's energy efficiency has deteriorated this century as ever more of the world's aluminium production has migrated to China, where coal is the predominant power source, Koulumies said.

He was speaking at this week's CRU World Aluminium (Virtual) Conference, where producers lined up in something of a low carbon beauty parade.



Alvance, the aluminium business of British commodities tycoon Sanjeev Gupta, is rapidly growing via the acquisition of low-carbon smelters such as Lochaber in Scotland (hydro) and Dunkerque in France (nuclear). It's on the lookout for more.

India's Hindalco starts from the disadvantage of being coal-dependent but is building supplementary solar supply at its smelters with a target of 100 megawatts by March 2021, according to managing director Satish Pai. It's a relatively low-cost way of reducing the carbon count per tonne of metal.

Hongqiao, one of the world's largest producers, has gone for the very Chinese solution of dismantling two million tonnes of capacity in Shandong province (coal) and building a new smelter and "green" aluminium hub in hydropower-rich Yunnan.

The move will be completed in super-fast time by the end of Q1 2021, according to Ron Knapp, previously head of the International Aluminium Institute and now special adviser to Hongqiao's chairman.

The industry's ultimate goal is carbon neutrality by 2050, a target that may require redefining the Hall-Heroult smelting process itself.

ELYSIS, a joint venture between Rio Tinto and Alcoa is already there, using a process that eliminates all direct greenhouse gas emissions from smelting. Apple, a partner in the project, has already made its first purchase, according to Tolga Egrilmezer, head of Rio's aluminium marketing division.

However, many producers, particularly those in China, are going to find the road to zero emissions a long and winding one, if not impossible.

The emerging split between "green" and "black" aluminium is only going to widen.

Splitting the market

Despite the rush by (mainly hydro) producers to differentiate their product, a "green premium" has so far proved elusive.

That's partly down to a lack of agreement about how exactly to calculate "green" metal. Low-carbon producers are mutually wary of each others' methodologies.

More fundamentally, there is not yet sufficient demand to generate a physical premium.

Western consumer brands such as Apple and Tesla are relatively well-supplied with low carbon aluminium from Canadian and European smelters.

Left to market forces, it's uncertain how long it would take for demand to grow to the point that buyers need to pay a physical premium to secure supply.

However, it won't be left to market forces.

"Astute and forward-looking policy makers are considering shifts to government procurement practices in order to value low CO2 materials (and) green borders," Jean Simard said. Simard is head of the Aluminium Association of Canada, which gives some clue as to which policy makers he may have in mind.

But it is the European Union which is leading the way both by accelerating its carbon reduction strategy and looking at ways of penalising imports of high carbon products as a way of preventing "carbon leakage".

Splitting the price

While a “green premium” may not yet have traded in the physical aluminium market, it is starting to take shape in the financial market, which is anticipating the forward curve both of carbon regulation and consumer demand.

Trade house Trafigura has just announced a low carbon aluminium financing facility of up to \$500 million with the backing of Natixis and Rabobank. Interest will be “at a preferential” rate, which allows Trafigura to pay low carbon producers a premium for their product.

The facility will likely also be used to finance inventory. Aluminium is a metal that has historically carried high stocks, which are financed via the London Metal Exchange (LME) forward curve.

Such deals can last just a few months or they can be structured over years, in which case financiers are now facing a dilemma.

“Trading houses, which are running the bulk of cash-and-carry deals, are conscious that high-carbon products may trade at a discount to their low-carbon peers when these deals are unwound in 1-2 years,” explain analysts at Citi.

As carbon rapidly moves up institutional investors’ agenda, “Western banks may, over time, become more constrained in financing high-carbon materials”, according to Citi.

That differential in stocks financing requirements will be tradeable on the spot platform the LME is launching next year. The initiative complements a move towards voluntary reporting of a metal’s environmental foot-print.

It’s a neat way of dealing with the complexity of competing “standards” in a fast-evolving aluminium market. The hope is that the market itself will standardise the premium for low carbon metal over time.

But with different regions moving down the carbon-reduction road at different speeds, it seems unlikely there will be a single global “green premium” but rather a series of regional low carbon premiums trading in tandem with existing, traditional regional premiums.

Aluminium pricing looks set to become a lot more complex.

Trafigura claims it was the first trading house to set up a low carbon aluminium trading desk in 2019.

It won’t be the last.

Fonte: Mining.Com

Data: 11/09/2020



EXCLUSIVE: TESLA IN TALKS TO BUY LOW CARBON NICKEL FROM CANADA - SOURCES

Tesla is in discussions with Canadian miner Giga Metals about helping to develop a large mine that would give the electric carmaker access to low carbon nickel for its batteries, three sources familiar with the matter said.

Alongside its goal to reduce pollution from driving, Tesla is also striving to reduce its own carbon footprint.

“Tesla will give you a giant contract for a long period of time if you mine nickel efficiently and in an environmentally sensitive way,” CEO Elon Musk said in July.

Giga Metals’s low carbon nickel plans include turning waste from its mining operations into cement type rock using carbon dioxide in the atmosphere, and using hydropower.

Giga Metals’s President Martin Vydra declined to comment on any talks with Tesla, but said: “Giga is actively engaged, and has been for some time, with automakers regarding our ability to produce carbon neutral nickel.

“The cost of developing our project, excluding bringing hydroelectric power to the site, will be less than \$1 billion.”

Tesla did not respond to requests for comment.

Used to store energy in batteries, nickel is expected to see a surge in demand over coming years as governments, companies and consumers seek to cut noxious fumes emitted by fossil-fuelled vehicles.

Forecasts from Benchmark Mineral Intelligence suggest nickel demand for batteries will rise to 1.4 million tonnes in 2030, or 30% of total nickel demand, from around 139,000 tonnes and 6% respectively this year, as sales of electric vehicles soar.

The problem for Tesla and other automakers is that most of the world’s new nickel production will come from Indonesia, where the process would involve disposing mining waste into the ocean, a major concern for environmentalists.

Giga Metals’s Turnagain mine in British Columbia has measured and indicated resources of 2.36 million tonnes of nickel and 141,000 tonnes of cobalt, according to its website.

Canada produced 180,000 tonnes of nickel last year.

NEUTRALISING EMISSIONS

Giga plans to produce 40,000 tonnes of nickel and 2,000 tonnes of cobalt a year for 20 years. That would be enough to power thousands of electric vehicles.

“The mine is in North America, so could secure supplies for Tesla’s Nevada Gigafactory,” one source said, adding Canada’s environmental regulations were among the most stringent in the world.

Tesla could provide financing, possibly in exchange for equity, nickel and cobalt. It could agree to buy the nickel and cobalt, which would attract financing from others, the source added.

Any deal would be for the life of the mine, which could be for up to 40 years, the sources said.

Tesla's current capacity is 490,000 electric vehicles in the United States and 200,000 in Shanghai, according to its website, which with its expansion plans will require vast amounts of battery materials in the future from many sources.

The Financial Times recently reported that Tesla had agreed to buy cobalt here from commodity trader and miner Glencore.

The sources said Giga Metals had also discussed the possibility of a deal with other automakers including Germany's BMW and Mercedes, a subsidiary of Daimler.

Daimler said: "we do not comment on supplier relationships for competitive reasons," while BMW said: "we generally do not comment on suppliers we might hire in the future".

The Turnagain deposit, at around a billion years old, is relatively young and clean of impurities, which would mean high recoveries of nickel and cobalt.

Giga has access to hydroelectric power in British Columbia, but producing metal creates carbon emissions as it involves using diesel-fuelled machinery, trucks, heating buildings and blasting hard rock.

However, the company is working on a process that would allow the tailings, or waste rock, to absorb carbon dioxide in the atmosphere and turn it into cement type rock, the sources said.

"Mining and processing the ore at Turnagain is likely to generate up to 28,000 tonnes of carbon dioxide a year," the second source said. "The tailings could absorb up to a similar tonnage of carbon, neutralising emissions from the mine."

Fonte: Reuters

Autor: Pratima Desai

Data: 11/09/2020

The Bloomberg logo is displayed in white text on a black rectangular background.

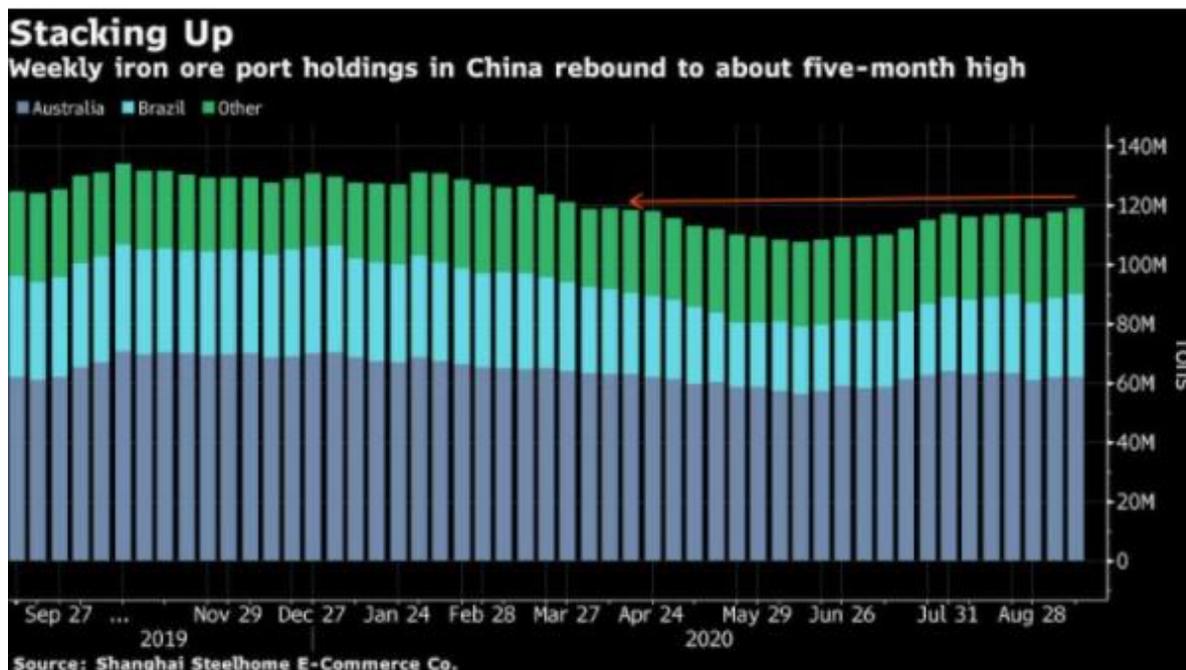
AUMENTO DE ESTOQUES DE MINÉRIO DE FERRO PODE PRESSIONAR PREÇOS

Os estoques portuários de minério de ferro na China subiram para o nível mais alto em cinco meses com o aumento dos fluxos globais, sinalizando normalização sustentada da oferta no mercado transoceânico, o que deve pressionar os preços.

Os estoques no maior importador mundial da commodity aumentaram para 119 milhões de toneladas nesta semana, o maior volume desde 10 de abril, de acordo com a Shanghai SteelHome E-Commerce. Em meados de junho, os volumes portuários haviam caído para o menor nível desde 2016.

O minério de ferro mostra forte desempenho neste ano, e os contratos futuros atingiram a maior cotação desde 2014 diante de cortes de fornecimento no Brasil e da demanda puxada pelos estímulos do governo chinês. Isso impulsionou o quarteto de grandes mineradoras que dominam os fluxos transoceânicos: Vale, BHP, Rio Tinto e Fortescue Metals. O CEO da BHP, Mike Henry, alertou no mês passado que o preço do minério de ferro deve cair devido ao aumento da oferta, ecoando previsão semelhante da Vale.

As maiores exportações do Brasil mostram um cenário de normalização da oferta, "o que testará os direcionadores de preço do minério de ferro", disse o Australia & New Zealand Banking em relatório nesta semana, observando que os estoques começaram a subir. Ainda assim, os estoques permanecem abaixo dos níveis há um ano e da média de cinco anos.



Entre os dados recentes, as exportações diárias do Brasil subiram para 2 milhões de toneladas nos primeiros quatro dias úteis deste mês comparadas a 1,49 milhão de toneladas por dia em agosto. Embarques do Port Hedland, na Austrália, principal porta para o polo de mineração de Pilbara, registraram uma série de recordes mensais neste ano.

Fonte: Bloomberg

Autor: Annie Lee

Data: 11/09/2020



NO FEAR OVER BRAZIL MEETING IRON ORE EXPORT DEMAND – SECRETARY

Brazilian officials say there is no room for fear when it comes to the country's capacity to keep up with Chinese demand for iron ore.

Iron ore prices hit six-and-a-half year highs last week as the Chinese construction and manufacturing sector experiences levels of activity last seen almost a decade ago. In the past three months China's iron ore imports have climbed 20 per cent year on year, while year-to-date they are up 11 per cent compared to 2019.

"We are seeing a recovery scenario that is already quite favorable for the Brazilian market," Brazilian Secretary of Geology, Mining and Mineral Transformation, Alexandre Vidigal, told MINING.COM.

In Q2 2020, Brazilian mining companies reached a production value of R\$39 billion (\$7.5 billion), an increase of 9% over Q1.

Brazil's iron ore exports – which represent 59% of the country's mineral production – totaled \$5 billion in Q2, 6% higher than Q1 2020, but 5% lower than in Q2 2019. The country exported 76 million tonnes, 8% above the total registered in Q1 2020, but 3% lower than Q2 2019.

Brazilian mining giant Vale has been returning to its pre-pandemic level operations as exports have hit 33.4 million tonnes in July, up nearly 60% from May.

"These are facts that signal a tendency for the sector to recover, reinforcing our understanding that the mineral industry may play a prominent role in the country's economic recovery," said Vidigal.

Industry group IBRAM projects that the country will export 310 million tonnes in 2020, lower than the 340 million tonnes exported in 2019.

"In 2020, besides the pandemic, intense rains at the beginning of the year and operational adjustments of mining companies to meet resolutions involving dams hit the production," said Cinthia de Paiva Rodrigues, research and development manager at IBRAM.

Fonte: Mining.Com

Data: 11/09/2020



MINERAÇÃO BAIANA DEVE CRESCER 33% ESTE ANO

A mineração na Bahia pode crescer 33% este ano se acompanhar o crescimento dos últimos três anos e repetir no segundo semestre o crescimento do primeiro. A expectativa é do presidente do Sindicato das Mineradoras da Bahia (Sindimiba) e da Vanádio de Maracás, Paulo Misk, exposta durante live com o jornalista Donaldson Gomes sobre o potencial da atividade para o desenvolvimento econômico no estado

Ele ressaltou que a atividade vem acumulando sucessivos resultados positivos e conseguiu se manter crescendo, mesmo durante a pandemia do novo coronavírus. "O crescimento anual da mineração em 2017 foi de 20%, em 2018 foi de 24%, mais 12% em 2019, e este ano, mesmo com pandemia, se repetirmos no segundo semestre o crescimento do primeiro, teremos uma expansão de 33% na atividade aqui na Bahia", destacou.

Paulo Misk destaca também a capacidade da mineração de chegar a lugares que dificilmente seriam atendidos por outras atividades. "A mineração tem essa facilidade. Quanto mais empreendimentos minerais nós tivermos no interior, mas vai gerar empregos, impostos e mais vai desenvolver toda uma economia na região. Toda a cadeia que se movimenta em torno da mineração vai ativar a economia e desenvolver a região. Onde existe uma mineração, a cidade é mais ativa", diz.

Citando Maracás como exemplo, onde a Largo opera há seis anos uma mina de vanádio, Paulo Misk destaca que 87% dos funcionários são baianos, e 99% são brasileiros. "Praticamente só tem brasileiros, apesar de ser um empreendimento com recursos canadenses e tecnologia da África do Sul. Temos algumas pessoas que atuam lá fora nas vendas que são estrangeiras, mas na produção, temos brasileiros desenvolvendo tecnologia aqui e fazendo um trabalho fantásticos", destaca, lembrando que se trata da melhor mina de vanádio do mundo.

"Quase 70% da mão de obra é de Maracás e região, onde as pessoas não tinham uma experiência anterior em mineração ou indústria. A gente tem conseguido isso tudo porque investimos nas pessoas do local", ressalta. Segundo Misk, a média de treinamento entre os funcionários da Vanádio de Maracás é cinco vezes a média nacional. "Se você for olhar o número de horas de treinamento por pessoa, são 63 horas por ano, isso é quatro vezes mais do que o Brasil e o dobro do que acontece nos Estados Unidos. A gente une a energia que o baiano tem com o conhecimento e aí ninguém segura", destaca.

O executivo ressaltou que o grande potencial mineral da Bahia só vai se tornar realidade com investimentos na investigação do subsolo. Ele cita como exemplo o caso da RHI Magnesita que, mesmo após anos de produção em Brumado, anunciou a descoberta de reservas que vão garantir a produção por mais 120 anos. "Foi preciso se fazer um investimento de R\$ 180 milhões para chegar a essa ampliação na Magnesita, isso não é pouca coisa. Você tem o exemplo da Caraíba, que vai investir R\$ 400 milhões no Vale do Curaçá. O pessoal gosta de dizer que mineração só dá uma safra, mas a Caraíba é uma prova do contrário", destaca. "Quem tem a resiliência, faz acontecer". Ele cita ainda a produção de níquel, diamantes, ouro, talco, grafita, cromita, entre outras.

Paulo Misk destaca o investimento de R\$ 47 milhões da Bamin, para realizar uma operação de minério de ferro em pequena escala, porém lembra que o grande projeto da empresa é produzir 18 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, com um investimento de US\$ 2,6 bilhões. "Imagina o quanto isso vai ajudar a Bahia, gerando empregos. É um potencial fantástico. Serão 1,5 mil empregos durante a operação, mas se pensar nos indiretos, pode se chegar a 18 mil pessoas por causa de uma mina", diz.

Sustentabilidade

Misk lamenta o fato de a mineração se comunicar mal com a sociedade. "Toda atividade humana impacta o meio ambiente. O neném nasceu, já causa impacto. A mineração tem atuado para minimizar esse impacto, gerar materiais que vão ajudar na qualidade de vida das pessoas", afirma.

Segundo ele, a Vanádio de Maracás ocupa uma área total de 260 hectares. São 40 empregos por hectare utilizado na produção. A mineração como um todo possui uma média de 10 empregos, diz, enquanto na agricultura a média é de 5 empregos. "Não estou comparando com uma atividade ruim, nós somos eficientes no campo, o agronegócio faz um trabalho maravilhoso pelo Brasil, mas só para dar uma noção, a geração de empregos na mineração por hectare é maior", compara. "A gente gera muito emprego ocupando um espaço pequeno de terra", diz.

Na geração de valor por hectare utilizado, a média da mineração é de R\$ 417 mil por ano, destaca. "É muito mais que qualquer outro", garante. "Se fizer bem feito, vai se gerar materiais para as outras atividades com um impacto muito pequeno, gerando muito imposto para o poder público, empregos e renda para a sociedade", afirma.

Fonte: Notícias de Mineração

Data: 11/09/2020

COPPER PRICE RALLIES AS CHINESE SCRAP SHIPMENTS SINK BY 50%

Copper prices rallied on Friday after predictions that Chinese imports of scrap metal are likely to fall by half, forcing the country to up cargoes of concentrate and unwrought copper, which are already at record levels.

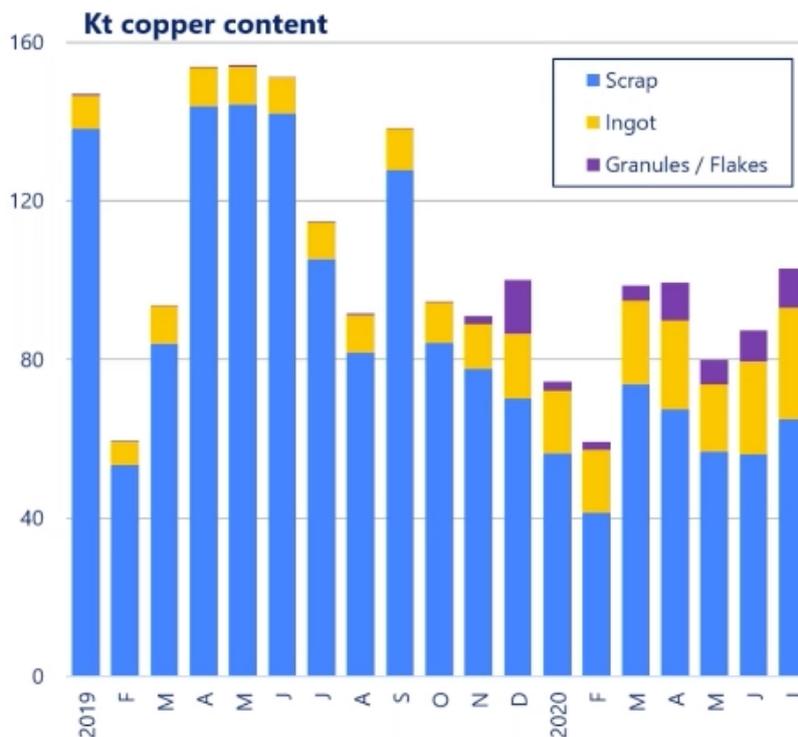
Copper for delivery in December trading in New York exchanged hands for \$3.0525 per pound (\$6,730 a tonne) in midday trade, up 1.8% from yesterday's settlement and not far off two-year highs struck at the beginning of the month.

China consumes more copper than the rest of the world combined and Reuters reports the China Nonferrous Metals Industry Association told a conference on Friday that imports of secondary copper could halve in 2020, from just under 1.5 million tonnes last year.

The country wants to eliminate imports of what it deems "foreign waste" and has implemented a strict quota system.

In a recent research report, Roskill called scrap the most vulnerable link in the global supply chain and said Chinese importers' attempts at diversification by buying more ingot and copper granules have only had limited success, forcing importers to buy cathode from the rest of the world, where metal demand has slumped.

SCRAP THAT



China secondary copper imports – source Roskill

Jonathan Barnes, associate consultant for copper at the London-based metal and minerals researcher, noted regulations set for June that would have classified copper scrap as a "renewable resource" to enable refiners to skirt regulations have been delayed indefinitely.

Barnes says on top of that several major shipping lines are refusing to transport scrap, fearing liability for return shipment if containerized cargoes are rejected by Chinese customs.

Concentrate hard to come by

Barnes says while the effects of covid-19 could decrease world consumption of the metal by 3%–4% this year, the drop in mine output and scrap flows has been greater.

Customs data show China's unwrought copper imports (anodes and cathodes) in August declined to 668,486 tonnes from July's record haul of 762,211 tonnes, but still up 65% from August last year.

Year to date imports now total 4.27m tonnes, up 38% from 2019 and on track to easily beat 2018's annual record of 5.3m tonnes.

At the same time, concentrate supplies from South America, where China sources the bulk of its mined copper, have been disrupted due to covid.

August imports of copper concentrate fell by more than 12% from the same month last year to 1.59m tonnes on lingering supply disruptions from Peru and Chile.

Fonte: Mining.Com

Data: 11/09/2020



**SERVIÇO GEOLÓGICO
DO BRASIL - CPRM**

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL DESENVOLVERÁ PLATAFORMA ESTRATÉGICA PARA EXPLORAÇÃO MINERAL

O Ministério de Minas e Energia (MME), por meio da Secretaria de Geologia e Transformação Mineral, e o Serviço Geológico do Brasil (SGB-CPRM) alinharam nesta quinta-feira (10) uma importante estratégia com foco na expansão de investimentos em pesquisa e produção mineral no país. Em reunião conjunta, foram tratadas as primeiras iniciativas para o desenvolvimento e implementação de uma plataforma de geração e difusão de conhecimento pelo Planejamento e Gestão Estratégica da Exploração Mineral no Brasil.

De acordo com o Secretário de Geologia e Transformação Mineral, Alexandre Vidigal, esta é uma estratégia proposta pelo MME e será desenvolvida por pesquisadores do Serviço Geológico do Brasil, que é uma empresa pública vinculada à pasta. O gestor destacou que o objetivo da plataforma é disponibilizar subsídios fundamentais às empresas interessadas em realizar investimentos em exploração e produção mineral (E&P) no Brasil, que necessitam de informações consistentes, indispensáveis para fundamentar os respectivos processos de planejamento estratégico.

"As instituições que formulam e implementam a Política Mineral brasileira necessitam de sistemas de informações que assegurem o monitoramento da posição competitiva do país nas atividades de E&P mineral, de tal forma a encaminhar os ajustes que se façam requeridos para fortalecimento das condições de atratividade a novos investimentos", disse Vidigal durante a reunião realizada no MME.

A base da plataforma será a integração de informações, segundo ressaltou o diretor-presidente do SGB-CPRM, Esteves Colnago. Para isso, será constituído um sistema de dados das ocorrências, depósitos, jazidas e minas mapeados pelo Serviço Geológico do Brasil, o cadastro de direitos minerários da Agência Nacional de Mineração (ANM), além de informações socioeconômicas e de caráter territorial provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

"Contribuir para o desenvolvimento do país faz parte da missão do Serviço Geológico do Brasil, por isso contamos com pesquisadores dedicados à difusão do conhecimento geocientífico e que trabalham no mapeamento das riquezas minerais do país. É, sem dúvida, uma ferramenta interinstitucional de grande importância, sobretudo neste momento em que o objetivo comum é prospectar investimentos para pesquisa e posicionar a mineração como um dos pilares indutores do desenvolvimento sustentável e socioeconômico do Brasil", afirmou Colnago.

Segundo foi discutido entre o MME e o SGB-CPRM durante a reunião, a plataforma contemplará indicadores de comportamento da exploração mineral que vão dar suporte à gestão de programas e projetos de investimento em exploração mineral. A base de dados também propiciará a geração de estudos e avaliações de suporte para a tomada de decisões.

No Serviço Geológico do Brasil, o desenvolvimento da plataforma será conduzido pelos pesquisadores da Diretoria de Geologia e Recursos Minerais (DGM). O titular da área, Marcio Remédio, participou da reunião no MME e enfatizou a importância dessa ação integrada.

"Essa plataforma trará inúmeros benefícios. Além de facilitar a divulgação e a avaliação das oportunidades de investimento em pesquisa e produção mineral no Brasil, dará maior clareza sobre as potencialidades e desafios do setor, melhorando a percepção da sociedade e facilitando a implementação de políticas públicas orientadas para o adequado aproveitamento dos recursos minerais com máximos efeitos para o desenvolvimento socioeconômico e socioambiental. Facilitará também a integração do setor mineral com o de infraestrutura e a área ambiental, além de várias cadeias produtivas. Destaca-se ainda a estruturação da informação integrada e geoespacializada no modelo one stop shopping", comentou Marcio Remédio.

Economista mineral do Serviço Geológico do Brasil, Gilberto Calaes é o coordenador do projeto e veio agregar a equipe do SGB trazendo vasta experiência do setor de economia mineral. Calaes acompanhou os gestores na reunião e reiterou que a iniciativa é promissora em diversos aspectos. "Dentre outros benefícios, a Plataforma dará subsídios para a necessária melhoria da competitividade do Brasil, perante as nações concorrentes, no que se refere à atração de investimentos em prospecção e pesquisa mineral", disse.

Além dos gestores, participaram da reunião a secretária-adjunta da Secretaria de Geologia e Transformação Mineral do MME, Lilia Sant'Agostino, diretores e técnicos da SGM/MME. Do SGB, também acompanharam o encontro os assessores da DGM Gilmar José Rizzotto e Leandro Guedes Bertossi.

Fonte: CPRM

Data: 10/09/2020



VALE RECUPERA POSTO DE EMPRESA MAIS VALIOSA DA AMÉRICA LATINA

A Vale voltou a ocupar o posto de empresa mais valiosa da América Latina, posição que havia perdido, em agosto, para a varejista online Mercado Livre. A empresa virtual passou a ocupar a terceira posição no ranking, sendo superada também pela Petrobras.

Levantamento realizado pela consultoria Economática aponta que a Vale tem valor de mercado de US\$ 56,6 bilhões, seguida pela Petrobras, com US\$ 54,4 bilhões, e pelo Mercado Livre, com US\$ 50,8 bilhões.

O estudo aponta que o Mercado Livre sofreu queda de US\$ 9,3 bilhões no valor da empresa no período de 1º a 8 de setembro. A companhia de comércio eletrônico da Argentina havia alcançado US\$ 60,6 bilhões em valor de mercado em 7 de agosto, liderando o ranking por 1 mês.

Para analistas como Luis Sales, da Guide Investimentos, o avanço das companhias de comércio eletrônico era uma tendência que já vinha ocorrendo, mas acelerou com as medidas de isolamento social trazidas pela pandemia do novo coronavírus.

Para Silvio Campos Neto, economista da Tendências Consultoria, essas companhias muitas vezes ainda não estão na fase de dar lucros e precisam se provar, ou seja, mostrar que realmente conseguem entregar resultado.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 10/09/2020



WORLD'S GOLD MINERS WARY OF PRODUCTION RAMP-UP DESPITE PRICE SURGE

The world's top gold miners are retrenching after COVID-19 related shutdowns despite record prices for the yellow metal, with cost-conscious executives prioritizing investor returns over production growth.

Gold prices have jumped 30% this year to roughly \$2,000 an ounce as central banks dial up stimulus measures in response to the coronavirus pandemic.

That has fuelled a cash surge for miners, with top- and mid-tier producers holding roughly \$5 billion in cash as of June 30, according to Scotiabank estimates.

But interviews with executives, analysts and fund managers show miners are hesitant to spend on pricey projects and tap marginal deposits that require sizeable capital and take years to break even.

Seven out of 10 of the global gold miners, including Newmont, the world's biggest gold miner, Canada's Barrick and South Africa's Gold Fields, have cut planned output for the year by 7%, citing coronavirus-related shutdowns, regulatory filings show.

The caution is a reversal from the 2011 gold price boom, which prompted buyers to overspend on acquisitions and led to billions in impairments when prices crashed in subsequent years.

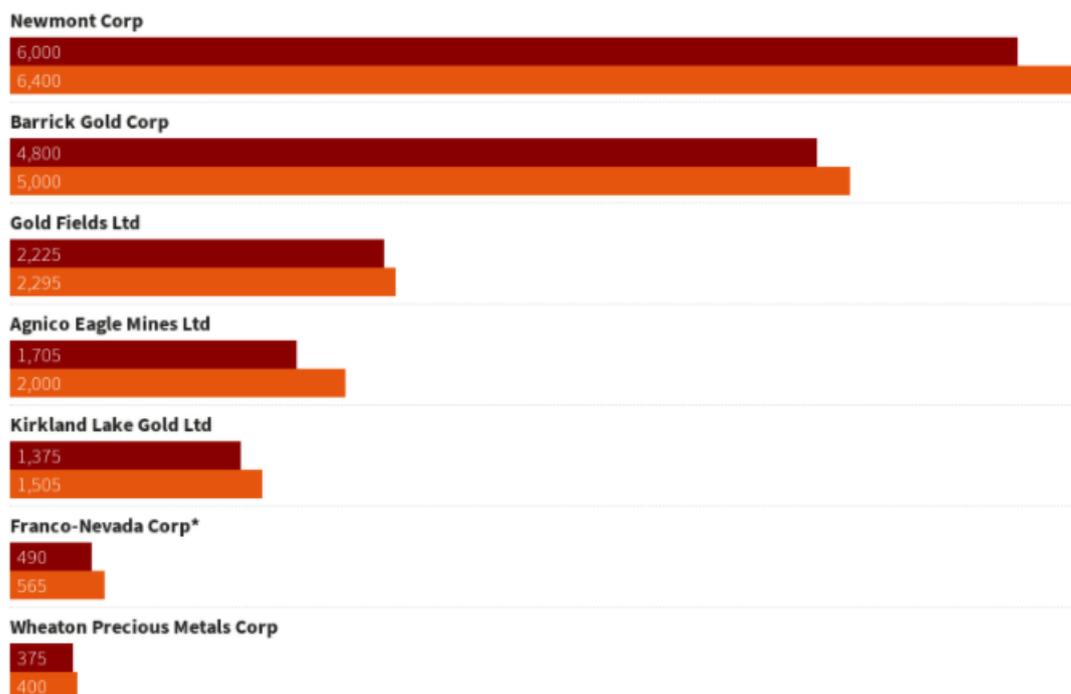
Companies which have won back investor favor are fearful of making similar mistakes.

Graphic - Gold miners cut 2020 output forecast despite record prices Gold miners cut 2020 output forecast despite record prices:

Gold miners cut 2020 output forecast despite record prices

7 of the top 10 gold miners have on average slashed full year production by 7%, citing coronavirus-related shutdowns

● Updated 2020 Guidance ● Original 2020 Guidance



Note: All guidance calculated at midpoint; in thousands of gold ounces except Franco Nevada, which provided guidance in gold equivalent ounces

“The real trap in the gold industry in the past was chasing volume,” Newmont Chief Executive Officer Tom Palmer told Reuters.

Newmont’s budget this year is \$1.3 billion, about half levels seen in the previous cycle.

Gold Fields said it wasn’t rushing to change cut-off grades, the minimum grade that can be economically mined, despite the higher price.

“It’s not easy to just turn the ship in a different direction,” Gold Fields CEO Nick Holland told Reuters, referring to boosting output with the higher price.

Barrick’s long-term price assumption remains unchanged at \$1,200, underpinning a growing dividend and debt reduction, CEO Mark Bristow said.

“No one made any real money” in the last cycle, he said at the Mines and Money Online Connect virtual conference last week.

GROWTH VS RETURNS

The spot price of gold has climbed more than 500% over the last 20 years, according to Refinitiv data. Global gold output, including from mines and recycling, rose 22%, according to World Gold Council data.

Miners have hiked dividends on the back of those stronger prices, with Barrick raising its quarterly payout 14% last month and Newmont boosting its payout 79% in April. Scotiabank analysts expect the industry’s dividend growth to continue into 2021.

“Companies still need to take a very conservative approach,” said Joe Foster of Van Eck Associates Corp, which holds shares in Barrick and Newmont and expects gold prices to eventually hit \$3,000.

Investors have even threatened to dump shares of companies that don’t prioritize payouts.

“If we get to the point where growth versus returns becomes a decision point, we’ll back the companies paying returns,” said Mark Burrigge at Baker Steel Capital Managers, which hold shares in Kirkland Lake Gold, Kinross Gold and others.

Fonte: Reuters

Autores: Tanisha Heiberg e Arunima Kumar

Data: 10/09/2020

DOIS PROJETOS QUEBRAM PARADIGMAS NO BRASIL

Estão saindo do papel dois projetos que quebram alguns paradigmas na história da mineração de ferro no País: o da Bamin, na Bahia, e o da SAM (Sulamericana de Metais), na região norte de Minas Gerais.

O projeto da Bamin, localizado no município baiano de Caetité, que começou a produzir em pequena escala hematita de alto teor, enquanto aguarda a implantação da Fiol (Ferrovia de Integração Oeste-Leste), que liga a região ao porto de Ilhéus, para iniciar a instalação do projeto em grande escala (20 milhões de toneladas/ano), tem o mérito de colocar a Bahia na lista de estados brasileiros produtores de minério de ferro, que até então era integrada apenas por Minas Gerais, Pará e Mato Grosso do Sul. Até algumas décadas atrás, era difícil crer que a Bahia poderia se tornar um produtor de minério de ferro.

Já o empreendimento da SAM, que se encontra em fase de licenciamento, além de inserir o norte de Minas Gerais – uma região com os mais baixos níveis de IDH no estado – no mapa da mineração, possibilita o aproveitamento de um minério que tem um teor in situ de apenas 20% de Ferro. Para se ter uma ideia do que isto significa, basta dizer que há vários milhões de toneladas de rejeito de minério de ferro estocado em barragens de rejeitos com teor bem acima disso. Tanto que começaram a ser reprocessados.

Estes dois projetos são o destaque na edição 402 de Brasil Mineral, que traz ainda uma precisa análise do novo normal na indústria de agregados e uma entrevista exclusiva com o vice-presidente de Vendas e Serviços Brasil da Metso:Outotec, explicando o que a junção das duas empresas traz de positivo para o mercado brasileiro de mineração. Acesse a edição em www.brasilmineral.com.br/revista/402

Fonte: Brasil Mineral

Data: 10/09/2020

**JUPITER CONCLUI ESTUDOS GEOLÓGICOS NO PROJETO DE OURO APUÍ, NO AMAZONAS**

A Jupiter Gold anunciou nesta quinta-feira (10) a conclusão de estudos geológicos em seu projeto de ouro Apuí, no Amazonas. De acordo com a empresa, o mapeamento geológico do ativo foi realizado para a identificação de alvos e ainda há possibilidade de haver depósitos de outros minerais no local, como cobre e manganês.

O projeto, segundo a Jupiter, abrange três direitos minerários com uma área total de aproximadamente 69.330 acres. O ativo está localizado na província de ouro Juruena-Teles Pires, próximo ao município de mesmo nome na região sudeste do Estado, onde há "a infraestrutura necessária para apoiar a implantação de um projeto de mineração".

A companhia informou que foi realizado no projeto um mapeamento geológico com levantamentos de amostras geoquímicas perto de anomalias magnéticas identificadas por meio de mapeamento geofísico.

De acordo com a empresa, os trabalhos indicam "depósitos de ouro viáveis" no projeto. "De acordo com estudos geológicos, a área tem grande potencial para depósitos epitermais, primários e secundários de ouro", afirmou a Jupiter por meio de comunicado. "No entanto, pode haver vários outros minerais presentes", completou a mineradora.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 10/09/2020

**WORKSHOP DA ASGMI COMPARTILHARA AVANÇOS SOBRE PASSIVOS AMBIENTAIS DE MINERAÇÃO**

A Associação Ibero-americana de Geologia e Mineração (ASGMI) realizará neste mês um workshop virtual para compartilhar as conquistas e avanços do Grupo de Especialistas em Passivo Ambiental em Mineração (GEPAM) da entidade. Com mais de 500 inscrições confirmadas, o evento acontecerá nos dias 22 e 23 de setembro, das 14h às 16h.

O workshop é uma oportunidade para o aprimoramento de conhecimento na área, tendo como base o compartilhamento de experiência dos serviços geológico de países que são membros da ASGMI. O evento contará também com a apresentação de palestras, estudo de casos e lançamento de guias, manuais e glossários. Os interessados em participar da iniciativa da ASGMI pelo endereço [devem garantir a inscrição](#).

De acordo com a organização, a programação do workshop abordará o impacto ambiental dos passivos de mineração e sua potencial ameaça ao saúde e meio ambiente. Com os palestrantes, o objetivo também será analisar a viabilidade, oportunidade e alternativas para a realização de serviços geológicos um papel substancial em relação à avaliação do impacto dos MAPs, bem como a sua reabilitação ambiental e seu eventual aproveitamento econômico.

A programação completa pode ser conferida no site ou [neste link](#).

Fonte: CPRM

Data: 10/09/2020



MINING LAB

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA NOVA EDIÇÃO

Iniciativa da Nexa Resources, o Mining Lab Challenge está com inscrições abertas até 2 de outubro. As inscrições devem ser feitas no site <http://mininglab.com.br> e o projeto apoia empreendedores no processo de desenvolvimento de inovações tecnológicas para a indústria da mineração e metalurgia.

A nova chamada do Mining Lab Challenge busca por soluções inovadoras para a Nexa divididas em quatro categorias: Produzindo zinco e cobre; Gestão e eliminação de resíduos e efluentes; Construindo legados positivos; e Mais eficiência e produtividade. As soluções vencedoras receberão investimento financeiro para o desenvolvimento dos pilotos, assessoria contínua de profissionais da Nexa durante um ano, mentorias financeira, jurídica, além de acesso às instalações e às informações técnicas das unidades da Nexa.

A categoria 'Produzindo zinco e cobre' busca soluções e tecnologias capazes de ser provadas em até 12 meses e que envolvam aspectos científicos capazes de transformar e incrementar a cadeia produtiva do zinco e cobre da Nexa. As propostas devem estar relacionadas às áreas de lavra e beneficiamento, refino e fundição. Já a 'Gestão e eliminação de resíduos e efluentes' visa soluções que possam ser provadas em até 12 meses e que sejam capazes de transformar e incrementar o processo de gestão, eliminação de resíduos e efluentes e transformá-los em novos produtos. As soluções devem estar relacionadas a desenvolvimento de novas rotas de processo ou novos modelos de negócios para o aproveitamento da Piritita, desenvolvimento de novos produtos a partir da Jarosita e sistemas para gerenciamento de emissões atmosféricas e qualidade do ar.

A categoria 'Construindo legados positivos' é voltada a Iniciativas que busquem criar uma rede que promova o desenvolvimento econômico sustentável dos territórios através das potencializações de seus recursos locais e da qualificação das pessoas. As soluções focadas em alavancar o empreendedorismo local e uso futuro são bem-vindas, enquanto a 'Mais eficiência e produtividade' está à procura de ideias inovadoras para áreas como engenharia, SSO, desenvolvimento humano, entre outros. Além disso, visa acelerar aplicações capazes de ditar a transformação rumo à indústria 4.0, com foco em automação, digitalização e produtividade.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 10/09/2020



SONDAGEM DA JAGUAR EXPANDE "POTENCIAL DE RECURSOS" EM MINAS DE OURO EM MG

A campanha de sondagem diamantada realizada pela Jaguar Mining nas minas de ouro Turmalina e Pilar, ambas em Minas Gerais, confirmou, segundo a empresa, "o potencial de expansão" de recursos minerais com intercepções de mineralização de alto teor em ambas as operações.

De acordo com a empresa, em Turmalina a sondagem se concentrou em atingir o mergulho para baixo e a continuidade lateral da estrutura que hospeda os depósitos Orebody C-SE e Orebody C-Central. No caso de Orebody C-Central, os trabalhos se concentraram no "rastreamento da mineralização de alto teor descoberta em março de 2019 e além dos limites dos recursos e reservas minerais atuais".

"A sondagem e mapeamento geológico em Orebody C-Central delineou quatro zonas mineralizadas de alto teor. Essas zonas são separadas por teores inferiores ou intervalos de resíduos, que, atualmente, estão sendo avaliados quanto às características geotécnicas", observou a Jaguar em comunicado divulgado nesta quinta-feira (10).

Os trabalhos em Orebody C-Central resultaram, segundo a companhia, em uma série de oito intercepções que incluem 5,98 g/t Au em 12,1m, 39,85 g/t Au em 1,6m e 10,55 g/t Au em 4,25m. Em Orebody C-SE, as intercepções incluem 9,22 g/t Au em 15,29m e 10,36 g/t Au em 2,76m.

"A sondagem em andamento na mina continua focada em definir extensões de mergulho próximas à superfície e para baixo das estruturas que hospedam a mineralização visando atualização de recursos minerais", observou a companhia.

Em Pilar, que teve reservas e recursos minerais atualizados no mês passado pela empresa, a sondagem, de acordo com a Jaguar, interceptou intervalos de alto teor em cerca de 20 furos, incluindo Orebody SW: 12,39 g/t Au em 8,40m e 7,05 g/t Au em 10,95m; Orebody BF2: 29,07 g/t Au ao longo de 4,00m; Orebody BF: 6,88 g/t Au ao longo de 33,35m; Orebody BA: 7,42 g/t Au ao longo de 9,00m; Orebody LPA: 10,66 g/t Au ao longo de 6,00m; e Orebody LFW: 5,57 g/t Au ao longo de 8,50m.

Crescimento

Segundo o diretor-executivo da Jaguar, Vernon Baker, os resultados das sondagens "continuam a apoiar o crescimento sustentado dos recursos e reservas minerais além dos limites relatados recentemente".

"De particular interesse são os resultados de alto teor e amplas interseções de Orebody SW em Pilar, que está se tornando um contribuidor significativo para essa atualização", afirmou.

Baker salientou ainda que o resultado do alvo "adiciona flexibilidade operacional devido à sua posição rasa e proximidade à infraestrutura existente da mina". "Da mesma forma, na estrutura de Orebody C em Turmalina, interseções de alto teor continuam a aumentar a flexibilidade operacional sustentável", disse ele.

"Estamos comprometidos em investir na exploração de crescimento em nossos ativos principais, visto que os resultados até o momento continuam a apoiar nossa crença de que Pilar e Turmalina serão importantes por muito tempo. São ativos vitais para o futuro da Jaguar", concluiu o executivo.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 10/09/2020



NASA SEEKS TO SET LAW FOR SPACE MINING

NASA wants to buy some moon rocks, and it's seeking out companies to make space mining trips so that it can establish a legal framework for its galactic aspirations.

The agency is soliciting bids from explorers anywhere on Earth who are willing to finance their own trips to the moon and collect soil or rock samples without actually returning the material to earth. The effort is meant to set a legal precedent for mining on the lunar surface that would allow NASA to one day collect ice, helium or other materials useful to colonies on the moon and, eventually, Mars.

The National Aeronautics and Space Administration also wants to demonstrate the potential for "in-situ resource utilization," or using locally sourced materials for future space missions, it said Thursday. NASA anticipates paying roughly between \$15,000 to \$25,000 per moon contract, agency Administrator Jim Bridenstine said, though final pricing will be determined by the competition.

Activities beyond the earthly plane are currently governed by the United Nations Outer Space Treaty of 1967. Signed by the U.S., it bars extraterrestrial military bases or nuclear weapons and basically requires nations to explore in peace and clean up their own messes.

In particular, the treaty stipulates that outer space isn't subject to "national appropriation by claim of sovereignty, by means of use or occupation, or by any other means." But it doesn't specifically address space mining.

"It's time for regulatory certainty to extract and trade space resources," Bridenstine said in a tweet.

The winning bidder will "collect up to 500 grams (1.1 pounds) of lunar material, photograph it, document its location and then "conduct an 'in-place' transfer of ownership of the lunar regolith or rocks to NASA," the agency said in a blog post. NASA will sort out any retrieval plans for the material at a later date.

It's not clear yet who might step up as a contender. Landing on the moon is neither cheap nor easy, and NASA will pay only for the lunar material that's collected. The contractor will be responsible for all costs associated with the mission, NASA spokeswoman Stephanie Schierholz said in an email.

Financially, the contract would make most sense for explorers already planning lunar trips. India plans a second try at landing a rover on the moon after its first attempt failed in September 2019. A \$100 million privately funded Israeli mission to land on the lunar surface failed in April 2019. In March 2018, Google and the XPrize Foundation ended its \$30 million lunar competition after multiple private teams were unable to launch and land a small rover on the moon and to drive it at least 500 meters (1,640 feet).

NASA's Artemis program aims to land astronauts on the moon in 2024.

Fonte: Mining.Com

Data: 10/09/2020



PANDEMIA FAZ COM QUE ANM SUSPENDA PRAZOS DE PROCESSOS ATÉ O FIM DO ANO

Com a persistência da pandemia causada pelo novo coronavírus, a Agência Nacional de Mineração (ANM) estendeu novamente os prazos de diversos tipos de processos administrativos e materiais. De acordo com a Resolução nº 46, publicada na edição desta quinta-feira (10) do Diário Oficial da União, os prazos de uma série de procedimentos estão suspensos até o fim do ano.

A norma também estende por nove meses, independentemente de requerimento dos titulares, os prazos de vigência dos títulos minerários com data de vencimento entre 16 de março passado até 31 de dezembro. Os nove meses são contados a partir dos respectivos vencimentos.

"O titular que não tiver interesse em ter prorrogado o prazo de vigência, especialmente em se tratando de títulos de pesquisa, poderão, à vista de mero peticionamento eletrônico efetuado até a data do vencimento, manifestar tal desinteresse", define a resolução, que não exclui a possibilidade de prorrogações futuras.

No caso de guias de utilização (GU), a agência ressalta que a prorrogação automática não invalida futuros pedidos de prorrogação e que a medida é referente apenas ao prazo de validade, sem alteração dos limites de volumes previamente definidos.

No caso da prorrogação de prazos, a norma exclui aqueles que se referem a recolhimento de receitas públicas, ao Certificado Kimberly e procedimentos de disponibilidade e aqueles relativos à segurança de barragens de rejeitos "e outros cujo descumprimento possa trazer risco à segurança, à saúde, à vida e ao patrimônio de trabalhadores, consumidores e comunidade em geral".

A medida é válida para prazos relativos à apresentação de relatórios parciais e finais de pesquisa, requerimento de prorrogação do Alvará de Pesquisa, requerimento de concessão de lavra, requerimentos de prorrogação de guia de utilização, registro de licença, PLG e registro de extração, comunicação do início ou reinício dos trabalhos de pesquisa, e requerimento de imissão de posse na jazida.

Esta é a sétima vez que a agência altera a data limite para diversos procedimentos exigidos de mineradoras por causa da incidência de Covid-19 que levou inclusive boa parte dos servidores da ANM a atuarem em trabalho retomo. Os prazos se extinguiriam originalmente em 20 de março e o atendimento presencial nas unidades da agência está suspenso desde 18 do mesmo mês.

Confira a [íntegra da resolução publicada nesta quinta-feira](#).

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 10/09/2020



SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL LANÇA NOVO MAPA GEOLÓGICO DO ESTADO DO CEARÁ

O Serviço Geológico do Brasil (SGB-CPRM) finalizou o novo mapa geológico do Ceará, com a atualização do conhecimento geológico do estado. A publicação reúne dados e informações gerados em dezenas de projetos de cartografia geológica realizados pelo SGB-CPRM, em pesquisas acadêmicas executadas em universidades brasileiras, e nas diversas publicações técnico-científicas produzidas nos mais de 148 mil km² do território do estado.

Os produtos gerados pelo Projeto Mapa Geológico do Ceará, executado pela equipe da Residência de Fortaleza do SGB-CPRM, que inclui o mapa geológico e o mapa de recursos minerais, ambos apresentados na escala 1:500.000, além do conjunto de bases de dados geológicos relacionadas, estão todos disponíveis a partir desta quinta-feira, dia 10/09, para download no GeoSGB e RIGEO.

Os produtos gerados constituem importante ferramenta para múltiplos usuários. Para o setor mineral, os mapas permitem a avaliação integrada das áreas de maior interesse para pesquisa e investimentos. De acordo com pesquisador do SGB-CPRM Tercyo Rinaldo Gonçalves Pinéo "Os mapas apresentam informações importantes sobre as ocorrências minerais e associações de rochas que aos olhos dos geólogos e prospectores indicam as áreas mais potenciais para determinadas mineralizações, que poderão ser investigadas pelo setor mineral com maior grau de detalhe", explica o geólogo.

Os mapas também têm grande relevância para gestores públicos nas decisões sobre a construção de grandes obras públicas ou obras de engenharia de médio porte. "O método a ser empregado em uma obra para prospecção de água subterrânea, por exemplo, como a construção de uma barragem, é definido de acordo com o tipo de rocha existente no local. Se o Estado possui um mapa com esses dados disponíveis e de forma acessível, isso implica em redução de custos públicos e do setor privado em projetos de engenharia e em pesquisa de recursos hídricos", relata Tercyo. Os mapas também podem ser utilizados no planejamento do uso e ocupação do solo, em áreas urbanas e rurais. "Os mapas e bases de dados podem ser utilizadas por gestores públicos na elaboração e execução de obras

importantes como rodovias e canais de integração hídrica, ou seja, disponibilizam informação pública de qualidade, visando o desenvolvimento regional”, acrescenta.

A potencialidade mineral do Ceará pode ser avaliada nos produtos, com mais de 900 ocorrências de recursos minerais, especialmente para rochas ornamentais, magnesita e também materiais para o setor de construção civil, como areia, argila e brita. Com relação aos metais, foram registradas mais de 200 ocorrências de ouro, platinoídes, ferro, chumbo, cobre e cromo. Em menor proporção, foram cadastradas ocorrências de gemas de ametistas, berilo e turmalina, além de urânio. “Dentre as substâncias minerais que há no estado do Ceará, destacamos o setor de rochas ornamentais, sendo o terceiro maior exportador do país. Destaca-se também as mineralizações auríferas e elementos do grupo da platina na região do município de Pedra Branca e minerais estratégicos como fosfato-urânio da jazida de Itataia, localizada no município de Santa Quitéria, sendo o fosfato matéria-prima para a produção de fertilizantes, insumo de extrema importância para a agricultura nacional”, resumiu.

Este trabalho de mapeamento de potencialidades colocou em plena atividade a mineração no Ceará, resultando nesta colocação de terceiro maior produtor nacional em rochas para fins ornamentais. Desde 2003, a cartografia geológica feita pelo SGB-CPRM, empresa pública ligada ao Ministério de Minas e Energia, foi intensificada, ampliando a cobertura do mapeamento em maior escala, o que culminou com o lançamento deste mapa que atualiza e integra todos os dados, conforme explica o diretor de Geologia e Recursos Minerais do Serviço Geológico do Brasil, Márcio Remédio.

Os resultados deste esforço de mapeamento básico podem ser avaliados por meio dos dados da Agência Nacional de Mineração (ANM). De acordo com levantamento do número de áreas requeridas para pesquisa mineral, que é a fase em que se iniciam os estudos detalhados das potencialidades minerais, a partir da divulgação dos estudos do SGB-CPRM, realizados entre os anos de 2007 e 2019, foram requeridas 585 áreas para pesquisa mineral no estado do Ceará. “O mapeamento geológico é um dos pilares do desenvolvimento sustentável, pois todos dependem fortemente de suprimentos adequados de energia e recursos minerais, o que torna uma questão de soberania nacional saber os recursos que cada país dispõe no subsolo”, destacou Márcio.

CONHECIMENTO CIENTÍFICO - Além dos dados de recursos minerais, o mapa geológico do Ceará exhibe 61 unidades litoestratigráficas e um conjunto de estruturas geológicas que permitem a visualização dos padrões estruturais regionais no estado. Neste projeto foram realizadas duas etapas de campo, com a descrição de 260 novos afloramentos. O mapa apresenta ainda 207 pontos de informações geocronológicas, compilados de teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos publicados em revistas nacionais e internacionais e de projetos de cartografia geológica realizados pelo SGB-CPRM.

Esse caráter de integração de dados geológicos atualizados torna o mapa bem recebido na comunidade científica, pois fornece suporte a projetos na área das geociências, impulsionando a pesquisa científica nas instituições de ensino de nível superior e técnico. “Para a academia, universidades e institutos de pesquisa geológica, o principal benefício do produto em questão é o de constituir com uma base geológica atualizada, que poderá ser utilizada no estudo e entendimento da evolução geológica de grandes massas continentais que existiram no passado”, avaliou Tercyo.

O pesquisador explica que o estado do Ceará é constituído por conjuntos litológicos de composição, idade e história evolutiva diferentes. Desta forma, as rochas mais antigas datam do Arqueano (período geológico de idade entre 2,5 e 4 bilhões de anos), com predomínio de ortognaisses (rochas de natureza metamórfica). Adjacente a estes terrenos arqueanos há conjuntos de rochas meta-plutono-sedimentares (rochas metamórficas de origem sedimentar e magmática) de idades de 2,1 e de 1,8 bilhões de anos, portanto da era paleoproterozoica (período geológico de idade entre 1,6 e 2,5 bilhões de anos).

Há também conjuntos litológicos formado por rochas metavulcanossedimentares (rochas metamórficas de origem sedimentar e vulcânica) com idades em torno de 700 milhões de anos e um extenso magmatismo com idades em torno de 585 Ma, da era neoproterozoica (período geológico de idade entre 540 milhões de anos e 1 bilhão de anos). Bacias sedimentares dos períodos Cambriano-Ordoviciano, Siluriano e do Jurássico-Cretácico, junto com coberturas sedimentares da era cenozoica (período geológico iniciado há 66 milhões de anos e que se estende até o recente) fecham este cenário geológico.

BENEFÍCIOS DOS PRODUTOS DISPONIBILIZADOS:

- Apresentam informação pública de qualidade, visando gerar o desenvolvimento econômico e social ao país;
- Base de dados para o planejamento e execução de obras de engenharia e de recursos hídricos (construção de rodovias, de canais de integração hídrica, de barragens hídricas e outros) por gestores públicos municipais e estaduais do estado do Ceará e empresários do setor privado;
- Os mapas podem ser utilizados no planejamento do uso e ocupação do solo (urbano e rural);
- Fornecem suporte de dados geológicos a projetos de pesquisa científica na área das geociências, nas instituições de ensino de nível superior e técnico;

- Estimulam empresas de mineração a investir no estado do Ceará (ex. setor de rochas ornamentais), o que movimenta toda uma cadeia econômica, inclusive de escala mundial, resultando na geração de empregos diretos e indiretos e na arrecadação de impostos;

- Apresentam de forma integrada e eficiente dados geológicos, geocronológicos, estruturais e de recursos minerais, dando suporte nos estágios iniciais da pesquisa, principalmente na seleção de áreas para adensar investigação geológica do setor de mineração.

[Acesse o mapa geológico do Ceará](#)

[Acesse o mapa de recursos minerais do Ceará](#)

Fonte: CPRM

Data: 10/09/2020



PETROBRAS E VALE VEEM CHANCES DE AMPLIAR COOPERAÇÃO BRASIL-CHINA

Sinalizações de executivos vieram em evento organizado pela Embaixada da China e pelo Consulado-Geral da China no Rio de Janeiro

A Petrobras e a Vale enxergam oportunidades para ampliar a cooperação entre Brasil e China, principalmente na área tecnológica, apontaram executivos de ambas as companhias durante a edição on-line da Feira Internacional para Comércio de Serviços China-Brasil, organizada pela Embaixada da China e pelo Consulado-Geral da China no Rio de Janeiro hoje.

De acordo com Márcio Senne, gerente-executivo de relações externas da Vale, a China é um mercado estratégico para a mineradora e pode ampliar sua importância no futuro não apenas para minério de ferro, como também níquel e cobalto, devido ao seu uso em baterias de veículos elétricos. Em 2019, a China foi o destino de cerca de 60% dos embarques de minério da Vale, além de representar 48% das receitas operacionais da empresa.

“Precisamos continuar trabalhando em conjunto para fortalecer os laços de cooperação”, comentou o executivo.

Fonte: Valor Investe

Autor: Gabriela Ruddy

Data: 10/09/2020



EDIÇÃO DE 2021 SERÁ TODA VIRTUAL

A Prospectors & Developers Association of Canada (PDAC) anunciou que sua convenção – considerada como o principal evento sobre exploração e mineração no mundo – será totalmente virtual em 2021, pela primeira vez em sua história.

Para a organização do evento, como a pandemia Covid-19 continua a afetar as viagens e principais encontros presenciais, a decisão de realizar o evento virtual é uma solução inovadora para a indústria acessar as oportunidades oferecidas pela tradicional convenção presencial em Toronto.

“Estamos empenhados em adaptar a convenção PDAC para oferecer uma experiência totalmente virtual aos participantes pela primeira vez”, afirmou a Diretora Executiva, Lisa McDonald, acrescentando que “a convenção desempenha um papel decisivo em manter a comunidade das áreas de exploração mineral e mineração conectada e, o que é mais importante, que nossos membros, expositores, apoiadores, participantes e parceiros vençam os desafios apresentados pela crise global de saúde”.

A saúde, segurança e bem-estar dos participantes é a prioridade principal da PDAC e estes princípios “nos guiaram em todos os passos da nossa tomada de decisão. A PDAC tomou a decisão de ser virtual após vários meses de análise e cuidadosas considerações e foi encorajada pela perspectiva de atingir um número ainda maior de participantes internacionais que não estariam em condições de atender o evento pessoalmente”, disse Felix Lee, Presidente da PDAC.

Ele afirmou ainda que “a convenção PDAC é renomada por sua programação exclusiva, oportunidades de investimento e redes de contato, e nos comprometemos a oferecer um evento de primeira classe aos participantes – em qualquer parte do mundo – de forma virtual”. E informa que os detalhes sobre registro serão confirmados nas próximas semanas. Quaisquer informações podem ser obtidas na página da PDAC na internet.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 10/09/2020

GOVERNO QUER PRODUZIR 2.400T/ANO DE URÂNIO ATÉ 2030

Para isso, é preciso tirar do papel investimentos que envolvam a reestruturação de órgãos de fiscalização e estatais responsáveis por extrair o elemento e gerar energia

O governo quer elevar a produção anual de urânio no Brasil para 2,4 mil toneladas até 2030. Para isso, será necessário tirar do papel os projetos e os investimentos que envolvem a reestruturação de órgãos de fiscalização e estatais responsáveis por extrair o mineral, produzir equipamentos e gerar energia. O maior desafio será a mudança da legislação para permitir a entrada de capital privado.

Os planos do governo para o setor preveem a criação da “Autoridade Nacional de Energia Nuclear”. Seria uma espécie de agência reguladora vinculada ao Ministério de Minas e Energia, para cuidar da certificação e licenciamento de projetos. O novo órgão não cuidaria da fiscalização de outras atividades que permaneceram a cargo da Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen).

Nesta quarta-feira (9), o novo desenho da política nuclear foi apresentada pelo chefe de gestão estratégica do Ministério de Minas e Energia, Ney Zanella, em webinar promovido pela Associação Brasileira para Desenvolvimento das Atividades Nucleares (Abdan), com a participação da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).

A retomada de projetos nucleares no Brasil, seja na geração de eletricidade ou na estratégia de defesa, contam com o empenho pessoal do ministro Bento Albuquerque. Como diretor-geral de desenvolvimento nuclear e tecnológico da Marinha, ele comandou programas como o de submarinos de propulsão nuclear. Entre ações já realizadas estão a preservação de estatais que são alvo de liquidação, por dependerem de recursos do Tesouro, e até o incremento de verba orçamentária para projetos mesmo em cenário de forte restrição orçamentária.

O plano do governo inclui a quebra do monopólio da União na exploração de urânio e, para isso, Albuquerque já tem uma proposta de emenda constitucional (PEC) para ser enviada ao Congresso. A medida é considerada importante para permitir investimento privado na extração do material, na fabricação de combustível e na geração de energia nuclear.

A Indústrias Nucleares do Brasil (INB), responsável pela produção nacional, tem a capacidade de produzir 400 toneladas por ano, em Caetité (BA). A empresa prevê a abertura de novas lavras na unidade da Bahia e a adoção de processo mais moderno de beneficiamento em Santa Quitéria (Ceará). Albuquerque defende que o Brasil tem a vantagem de já dominar boa parte da tecnologia e deter a sétima maior reserva mundial de urânio.

Zanella disse que o governo conta com o início da operação da usina nuclear de Angra 3 — hoje com obras paralisadas — a partir de 2026. Isso, segundo ele, ajudará a ampliar a capacidade de geração nuclear do país para 10 gigawatts (GW) em 30 anos. O objetivo deverá ser alcançado com a instalação de novas usinas e o ganho de mais 20 anos de vida útil de Angra 1.

O técnico do ministério, que é presidente do conselho de administração da Nuclebrás Equipamentos Pesados (Nuclep), outra estatal federal ligada do setor, disse que o Brasil contará com nova onda de investimento, que passa pela construção de um repositório nacional para rejeito nuclear de baixa e média intensidade e a reestruturação da cadeia industrial, com novos laboratórios de pesquisas, empresas especializadas e investidores, além da participação de instituições militares.

Fonte: O Valor

Autor: Rafael Bitencourt

Data: 09/09/2020

PEDIDOS PARA PESQUISA MINERAL NO CE SALTAM MAIS DE 17 VEZES EM ONZE ANOS

Procura por oportunidades de investimento no setor de rochas dispara no Estado, revelam dados da Agência Nacional de Mineração. Novo mapa geológico do Ceará deve ajudar a nortear investimentos públicos e privados.

O número de requerimentos de empresas para realizar pesquisas minerais no Ceará - fase de estudos mais detalhados das potencialidades de exploração mineral - saltou de 8 em 2008 para 142 em 2019, um crescimento de 1.675% (ou mais de 17 vezes), de acordo com dados da Agência Nacional de Mineração (ANM), pontuados pelo Serviço Geológico do Brasil (SGB-CPRM), que divulgou mais uma edição do mapa geológico do Ceará.

A partir do mapa, o interesse por estudos mais detalhados por parte do setor privado para investimentos deve crescer ainda mais no Estado.

A avaliação é do gerente de geologia e recursos naturais do SGB-CPRM, Edney Smith Palheta. "Isso vai cada vez mais alavancar o Estado. Até agora, nós temos um conhecimento mais forte nas rochas ornamentais, mas no futuro algo mais interessante pode se centrar nos metais raros como ouro e platina, cobre. Então existe uma vasta área para pesquisa", diz.

Essas pesquisas requeridas junto à ANM são feitas majoritariamente por investidores privados. A partir dos mapas geográficos divulgados pelo SGB-CPRM, o investidor requer um levantamento mais detalhado para verificar a viabilidade de exploração dos recursos da região, detalha o pesquisador do SGB, Tercy Rinaldo Pinéo. O mapa também tem como finalidade nortear os gestores públicos na realização de obras.

"O investidor privado que tem algum interesse em uma substância mineral realiza uma consulta inicial ao mapa e já consegue, ali, delimitar uma área de interesse. Quando esse investidor for avançar nas atividades, ele vai buscar dados mais detalhados. No caso da gestão pública, será importante para que esses gestores desenvolvam obras hídricas e de acesso, como rodovias. Para isso é preciso ter conhecimento do meio físico, para dimensionar melhor a obra", explica Tercy Rinaldo Gonçalves Pinéo, pesquisador do SGB.

Rochas ornamentais

As rochas ornamentais estão entre as substâncias minerais destacadas pelo pesquisador, juntamente com as mineralizações auríferas e elementos do grupo da platina, além do fosfato-urânio da jazida de Itataia, utilizado como matéria-prima para a produção de fertilizantes. De acordo com o SGB-CPRM, atualmente há 74 tipos de rochas ornamentais compiladas no Ceará.

"Os produtos que a gente vem desenvolvendo ao longo dos anos tem motivado certamente esses requerimentos", pontua Pinéo.

Para o presidente do Sindicato das Indústrias de Mármore e Granitos do Estado do Ceará (Simagran-CE), Carlos Rubens Alencar, quanto maior o conhecimento sobre a base geológica do Ceará, maior será a atração de investimentos. "Esses mapas representam um trabalho fundamental. Deveria ter mais investimento no conhecimento da nossa base geológica", diz.

"A falta de investimento para que possamos ter esse conhecimento retarda muito o processo de descoberta. Isso deveria ser uma prioridade, porque geraria mais oportunidade para o Estado. É preciso muito mais incentivo", cobra o presidente do Simagran-CE.

Fonte: Diário do Nordeste

Data: 09/09/2020



LUNDIN ATUALIZA ESTIMATIVAS DE RECURSOS E RESERVAS MINERAIS

A Lundin Mining atualizou as estimativas de recursos e reservas minerais para todas suas operações. A atualização tem data de corte de 30 de junho de 2020 e, segundo a empresa, além de apoiarem atuais projetos, estas estimativas devem crescer ainda mais com campanhas de sondagem em andamento, como é o caso da mina de cobre e ouro Chapada, em Goiás.

De acordo com a Lundin, em uma base consolidada e atribuível, as estimativas de metal nas categorias de Reserva Mineral Provada e Provável em suas operações na data de corte totalizaram 5,518 milhões de toneladas de cobre, 3,123 milhões de toneladas de zinco, 100 mil toneladas de níquel, 936 mil toneladas de chumbo e 6,9 milhões de onças de ouro.

"Nossos programas de exploração continuaram a agregar valor substituindo o esgotamento de minas e adicionando recursos e reservas minerais. Estamos progredindo na sondagem o mais agressivamente possível em locais potenciais, tomando as precauções e medidas necessárias contra Covid-19", salientou a presidente e diretora-executiva da mineradora, Marie Inkster.

Entre os programas de sondagem citados por ela está o que é realizado em Chapada, onde foram adicionadas novas reservas minerais aos corpos de minério existentes. "Os recursos minerais aumentaram apesar do uso de premissas de preço de metal mais conservadoras e da inclusão de apenas 5.000m de sondagem antes da data de corte", salientou a companhia.

"Agora temos cinco sondas no local e estamos planejando um aumento de 60.000m na campanha juntamente com um programa de segmentação geofísica para 2021", acrescentou a Lundin em comunicado divulgado na terça-feira. No documento, a empresa ressalta que a campanha deve abranger dois novos depósitos - Buriti Norte e Jatobá.

Na operação, o total estimado de recursos medidos e indicados aumentou para 1.132,2 Mt a 0,23% de cobre e 0,14g/t ouro, de 1.090,8 Mt a 0,24% cobre e 0,15g/t ouro relatado em 30 de junho de 2019. Já o total estimado de reservas provadas e prováveis de Chapada aumentou para 759,7 Mt a 0,23% cobre e 0,15g/t ouro, de 738,8 Mt a 0,24% cobre e 0,15g/t ouro.

"A sondagem de exploração contínua nestes (novos depósitos) e em outros corpos de minério próximos à mina apoiará os estudos de expansão da mina em andamento", observou a Lundin.

Além de Chapada, a companhia também relatou aumento dos recursos e reservas minerais totais medidos e indicados da mina de cobre Candelaria, no Chile; na mina de níquel e cobre Eagle, no EUA; na operação de cobre, zinco, chumbo e prata Neves-Corvo, em Portugal, e na mina de mesmos minerais Zinkgruvan, na Suécia.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 09/09/2020



COPPER PRICE DROPS DESPITE 65% SURGE IN CHINA IMPORTS

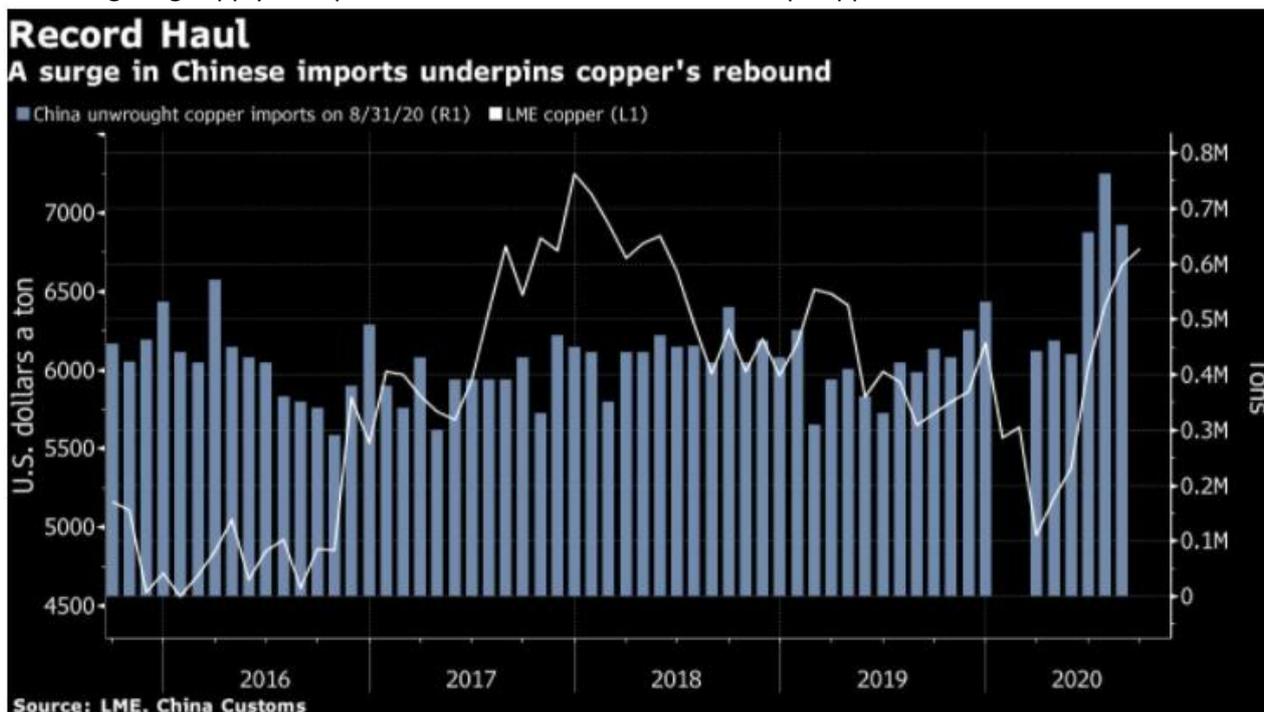
Copper prices pulled back sharply on Monday despite near-record level Chinese imports and dwindling global inventories of the metal.

Copper for delivery in September trading in New York briefly dipped below the \$3.00 a pound (\$6,600 a tonne) in afternoon trade, declining 2% from the more than two-year high struck on Friday.

Customs data released on Monday showed China's unwrought copper imports (anodes and cathodes) in August declined to 668,486 tonnes from July's record haul of 762,211 tonnes, but still up 65% from August last year.

Year to date imports now total 4.27m tonnes, up 38% from 2019 and on track to easily beat 2018's annual record of 5.3m tonnes.

August imports of copper concentrate fell by more than 12% from the same month last year to 1.59m tonnes, on lingering supply disruptions from Peru and Chile, China's top suppliers.



Arbitrage window closed

Copper traded in London could be picked up at a steep discount to Shanghai prices earlier this year, incentivizing imports, but that arbitrage opportunity no longer exists thanks to a 50% rally in the LME price from its March lows.

China copper demand analyst He Tianyu at CRU Group told Reuters given that imports "are still higher year-on-year, and last month's base number is already pretty high. If the arbitrage window opens again, imports could increase again."

Fonte: Mining.Com

Data: 08/09/2020

ZINC PRICE TO ENTER LONG TERM STRUCTURAL DECLINE IN 2021 – REPORT

Zinc prices will edge higher over the remainder of 2020, continuing a strong rebound from the lows posted during the initial covid-19 outbreak, according to *Fitch Solutions*' latest industry report.

Zinc prices fell by 17.3% over the first three months of 2020, but have since recovered to post new highs for the year.

Three-month zinc price averaged \$2,121/tonne over the first eight months of 2020 and *Fitch* has revised its forecast for 2020 as a whole, up from \$2,100/tonne to \$2,200/tonne.

Fitch says this implies prices will rise to around \$2,600/tonne by the end of the year.

Fitch has turned more positive on zinc prices over the near term due to a stronger-than-expected rebound in economic activity in China since Q12020.

The analysts maintain revised 2020 real GDP growth forecast of 2.2% (from 1.1% previously), with high frequency data affirming *Fitch's* view for economic activity to recover more quickly than anticipated.

Fitch expects a V-shaped recovery for China, as Beijing is likely to increase policy support if the recovery loses steam. China accounted for just less than half of global zinc consumption in 2019.

Longer term downtrend

Government economic stimulus in China will continue to underpin a strong rebound in steel production and zinc demand that will persist into 2021, *Fitch* forecasts.

Economic stimulus measures announced at the China National People's Congress meeting in May amounted to around 7.5% of annual GDP. While smaller than both the 12.5% of GDP package implemented during the Global Financial Crisis and the spending implemented by several other countries including the US and Singapore (around 20% of GDP), *Fitch* says these measures should boost demand for steel from key sectors such as construction and manufacturing over the remainder of 2020 and into 2021.

Upward Revisions, But Still Expecting Price Declines

Global - Zinc Price Forecasts, USD/tonne



Source: Bloomberg, Fitch Solutions

Fitch expects a long-term structural downtrend in zinc prices, forecasted to begin in 2021.

Although *Fitch* revised up its price forecasts, the market analyst expects prices to peak in 2020-21 and for market oversupply to drag prices down thereafter. This structural decline will be driven by sluggish growth in global steel production, as galvanising steel is the primary use of zinc.

Fitch forecasts that after a rebound in 2021, annual steel production growth will steadily slow down in the coming years due to declining capacity increases in China and Europe. In China, escalating environmental restrictions

on producers and weakening demand growth from the construction sector will cap steel production growth rates, *Fitch* says, while European producers will cut production in the face of low steel prices.

Given this weakening backdrop, *Fitch* forecasts global zinc consumption growth to slow from an average of 2.2% y-o-y over 2010-2019 to an average of 1.1% y-o-y over 2020-2029. The slowdown in consumption growth will keep the market in surplus over the coming years, *Fitch* says.

Fonte: Mining.Com

Data: 08/09/2020



MME CRIA COMITÊ TÉCNICO PARA DESENVOLVIMENTO DO SETOR DE TRANSFORMAÇÃO MINERAL

O comitê será responsável por promover o debate das políticas, diretrizes e medidas em prol do desenvolvimento do setor de transformação mineral e por articular ações de interesse convergente no contexto do processo de acesso do Brasil à OCDE.

Foi publicada ontem, 03, no Diário Oficial da União (DOU), a Portaria nº 320, assinada pelo Ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, que institui Comitê Técnico de Desenvolvimento da Transformação Mineral - CTM, de caráter permanente, com a finalidade de articular ações com órgãos públicos e entidades representativas do setor de transformação mineral.

O comitê será responsável por promover o debate das políticas, diretrizes e medidas em prol do desenvolvimento do setor de transformação mineral e por articular ações de interesse convergente no contexto do processo de acesso do Brasil à Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Terá como atribuição representar o País em foros internacionais de governos, relativos às atividades de mineração e transformação mineral, com vistas a colher subsídios e defender os interesses do setor. Também, adotar políticas e estudos para agregar valor aos produtos minerais e metalúrgicos de alta qualidade como a produção de trilhos para expansão da infraestrutura ferroviária nacional, com atração de investimentos e transferência de tecnologia para a ampliação do setor de transformação mineral.

O CTM será integrado por representantes - titular e suplente -, de dois departamentos, e uma unidade da Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral (SGM): Departamentos de Transformação e Tecnologia Mineral (DTTM), que o presidirá, e do Desenvolvimento Sustentável da Mineração (DDSM), bem como da Assessoria do Gabinete da SGM.

Também poderão ser convidados a participar de reuniões específicas do CTM, sem direito a voto, representantes, titulares e suplentes, do Instituto Aço Brasil, do Instituto Brasileiro de Mineração - IBRAM, da Associação Brasileira de Mineração Metalurgia e Materiais (ABM), da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), do Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas – IPEA, dos ministérios da Economia (ME), Infraestrutura (MINFRA) e Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). Outros órgãos e entidades públicas e privadas também poderão ser convidados.

Para acessar a Portaria, clique [aqui](#).

Fonte: CPRM

Data: 04/09/2020



CBMM INVESTE EM BATERIAS PRODUZIDAS COM NIÓBIO PARA CARROS ELÉTRICOS

Presidente da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, Eduardo Ribeiro, falou sobre prioridades nos negócios em entrevista à Live do Tempo. Investimentos continuam mesmo durante a pandemia

Em entrevista à Live do Tempo, o presidente da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM), Eduardo Ribeiro, falou sobre os novos investimentos da empresa, que agora tem como foco potencializar a inserção do nióbio na produção de baterias para veículos. Apesar do cenário de retração financeira, em consequência da pandemia do novo Coronavírus, os investimentos continuam.

O que é a CBMM em Araxá, na região do Alto Paranaíba?

CBMM produz produtos industrializados de nióbio (um metal produzido a partir de minério). Na década de 60 a companhia desenvolveu todo o processo produtivo para, a partir desse minério, produzir os produtos, e também investir para desenvolver o mercado de nióbio. Na época, o mercado para produtos de nióbio era cerca de mil toneladas por ano e, por meio de um programa de tecnologia, no ano passado atingiu cerca de 120 mil toneladas por ano. Isso mostra a importância da tecnologia para CBMM, primeiro para transformar o minério em produtos e, depois, para possibilitar a aplicação. Tudo isso feito a partir da nossa sede em Araxá.

A CBMM estava com a previsão de vendas no início do ano de 100 mil toneladas de nióbio. Como é que a pandemia afetou essa projeção?

Em função da pandemia deveremos ter queda de cerca de 20% em relação ao ano passado, quando vendemos cerca de 92 mil toneladas de produtos de nióbio. Um desvio um pouquinho maior relação ao nosso

objetivo de vender 100 mil toneladas neste ano. Se analisarmos a ponta da receita, o desvio vai ser menor que 10%. Temos um efeito positivo com do dólar mais forte.

Quais são os investimentos para esse ano?

Investiremos cerca R\$ 200 milhões no nosso programa e tecnologia. O programa que garante crescimento do mercado, especialmente no momento difícil com este. É muito importante ter capacidade de manter todos os programas e projetos: universidades, parceiros, empresas que são nossos clientes, e clientes dos nossos clientes. Esperamos com isso recuperar o volume de vendas o mais rápido possível.

Comente a tendência de diversificação de mercado na CBMM.

Apesar do nosso principal produto ser o ferro nióbio iniciamos, há cerca de quatro anos, um programa que tem por objetivo olhar novos negócios. São novos, mas, impactam o tamanho do mercado do nióbio. Quando começamos a desenhar esse programa, identificamos uma oportunidade ligada ao nióbio em baterias. Só que ao invés de ser o nióbio metálico ou na forma de ferro, é o nióbio em alta pureza. Na forma oxidada ele pode ser utilizado tanto no ânodo (polo negativo) quanto no cátodo (polo positivo) de baterias, permitindo maior carga e maior densidade de energia. Essa tecnologia permite cargas rápidas com maior segurança e tendo como objetivo, tanto autonomia de veículos, quanto a segurança. Também estamos fazendo investimentos com o grafeno. É um material já utilizado em aplicações industriais para revestimentos, mas, identificamos que o grafeno em conjunto com o óxido de nióbio pode melhorar as propriedades de baterias.

Em que pé estão esses projetos?

Com bateria temos projetos no Japão, que está mais adiantado, projetos na China, na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Temos projetos muito importantes, tanto no nosso laboratório, em Araxá, quanto no SENAI. Com o grafeno, investimos em uma startup em Cingapura. O objetivo é produzir o grafeno para diversas aplicações, mas, no nosso caso específico, priorizamos a utilização em bateria.

Continuando nessa toada de investimentos em baterias para carros. Qual é a maior aposta para desenvolvimento de uma bateria com bom custo-benefício?

Com óxido de nióbio, temos um projeto com a Toshiba, com objetivo de já fazer entregas para indústria automobilística em escala piloto. Esse projeto utiliza o óxido de nióbio em conjunto com o óxido de titânio no ânodo de baterias de lítio só que nós estamos substituindo a grafite do ânodo por uma mistura composta por óxido de nióbio e titânio. Ainda temos projetos para melhorar a performance do cátodo. Estamos utilizando níquel, manganês, cobalto e existe um movimento da indústria para reduzir o teor de cobalto aumentando o teor de níquel nessas peças. O nióbio no cátodo entra com cerca de 1% a 1,5% com objetivo de dar estabilidade a essa parte da bateria. É uma solução que temos vendas, ainda de volumes pequenos, mas já em escala industrial.

Com relação ao nióbio no ânodo, ele entra em mais de 50% da composição desse módulo das baterias, por isso que nós temos por objetivo nos próximos 10 anos aumentar a aplicação de nióbio em baterias. Projetamos que no futuro essa aplicação possa representar cerca de 40% do nosso negócio.

Como fica a projeção da CBMM para esses produtos ?

Atualmente o ferro-nióbio representa cerca de 90% do nosso negócio, óxidos especiais ligas níquel e nióbio metálico representa os outros 10%. Então, temos por objetivo desenvolver esse mercado para óxido de nióbio para aplicação em bateria de forma que ele tem uma maior participação nas vendas e os resultados da CBMM.

Qual foi o investimos na questão das baterias?

No caso da Toshiba, no Japão, são investimentos até o momento de cerca de R\$ 50 milhões. O outro investimento no Brasil, e pode chegar no curto prazo, é de cerca de R\$ 30 milhões, envolve, tanto a produção de óxidos especificamente para baterias, quanto à produção da mistura que é esse óxido de nióbio com titânio. Com isso andamos um ponto a mais em relação à cadeia produtiva. Com relação ao grafeno, tivemos um investimento de cerca de 14 a 15 milhões de reais, que nos deu direito a uma participação de 26% em uma empresa.

Como esse investimento reflete na questão dos carros elétricos?

Se a gente pensar que os carros elétricos têm de 300 a 500 quilos de bateria, é muito importante que essa bateria seja competitiva, não só do ponto de desempenho, mas do ponto de vista de custo.

Sobre o carro elétrico, como é a experiência de participar da origem da formação de um carro?

Essa nova oportunidade se chama Extreme E. É um veículo que participamos desde o início da sua concepção, utilizando aços com nióbio para garantir maior segurança e mais eficiência em conjunto com outras empresas. Serão provas realizadas em regiões de deserto, em condições extremas. O objetivo é mostrar a mobilidade elétrica de um lado, e, do outro lado, o uso de materiais com maior resistência e um respeito pelo ambiente.

Fonte: O Tempo

Autor: Aline Peres

Data: 02/09/2020